DeepL
Assine o DeepL Pro para poder editar este
Visite www.DeepL.com/pro para mais informações.

[Comunicação apresentada em "Forty Years of Communization Theory: Dauvé's *Eclipse and Reemergence*", The Public School Los Angeles, 3 de Maio de 2015]

O crescimento do comunismo e o crescimento das batatas - David Adam

A teoria da comunização vê qualquer "período de transição" marxista como "inerentemente contra-revolucionário".[1] " Um "período de transição", para os comunistas, pode ser tanto um período de transição política (como a "ditadura do proletariado" de Marx), ou qualquer arranjo gerido pelos trabalhadores em que estes são compensados pelas horas trabalhadas (como a "primeira fase da sociedade comunista" de Marx). Os comunistas vêem estes períodos de transição como a institucionalização do poder dos trabalhadores. Ao institucionalizar o poder do trabalhador, um período de transição perpetua o papel do *trabalhador*, impedindo assim a auto-abolição da classe trabalhadora. A sua atitude negativa em relação ao potencial revolucionário de qualquer "afirmação do proletariado" distingue os comunistas de Marx e dos seus antepassados comunistas de esquerda[2] . O livro de Gilles Dauvé, *Eclipse and Re-Emergence of the Communist Movement*, está muito preocupado com estas questões de transição e com a crítica da perspectiva marxista tradicional sobre estas matérias.

Nesta palestra, centrar-me-ei em alguns aspectos-chave da perspectiva de Dauvé sobre a comunização na nova edição de *Eclipse e Reemergência do Movimento Comunista*, mas também farei referência a perspectivas semelhantes noutras obras provenientes deste

---

[1] "Como veremos, o entendimento de comunização variava entre os diferentes grupos, mas significava essencialmente a aplicação de medidas comunistas no seio da revolução - como condição da sua sobrevivência e a sua principal arma contra o capital. Qualquer 'período de transição' era visto como inerentemente contra-revolucionário, não apenas na medida em que implicava uma estrutura de poder alternativa que resistiria ao 'definhamento' (cf. críticas anarquistas à 'ditadura do proletariado'), nem simplesmente porque parecia sempre deixar sem contestação aspectos fundamentais das relações de produção, mas porque a própria base do poder dos trabalhadores sobre a qual essa transição deveria ser erigida era agora vista como fundamentalmente estranha às próprias lutas." *Notas de fim*, "Bring out Your Dead", em Notas de fim 1, p. 14.

[2] "De um modo geral, podemos dizer que o programatismo se define como uma teoria e uma prática da luta de classes em que o proletariado encontra, no seu impulso de libertação, os elementos fundamentais de uma futura organização social que se tornam o programa a realizar. Esta revolução é, assim, a afirmação do proletariado, quer se trate da ditadura do proletariado, dos conselhos de trabalhadores, da libertação do trabalho, de um período de transição, do desaparecimento do Estado, da autogestão generalizada ou de uma "sociedade de produtores associados". O programatismo não é apenas uma teoria - é, acima de tudo, a prática do proletariado, na qual a força crescente da classe (nos sindicatos e parlamentos, organizacionalmente, em termos de relações de forças sociais ou de um certo nível de consciência em relação às "lições da história") é positivamente concebida como um trampolim para a revolução e o comunismo. O programatismo está intrinsecamente ligado à contradição entre o proletariado e o capital, tal como é constituída pela subsunção formal do trabalho ao capital." Teoria Comunista, "Muito Barulho por Nada", em *Notas de Fim* 1, p. 155-156.

meio. Abordarei sucessivamente os temas da ditadura do proletariado, do trabalho, do valor-de-uso e do valor, e do comunismo.

I. Ditadura do Proletariado

Vale a pena analisar os pontos de vista de Marx que os comunistas consideram tão desagradáveis. A sua *Guerra Civil em França* contém uma passagem que é particularmente relevante: "O seu verdadeiro segredo [da Comuna] era este. Era essencialmente um governo da classe trabalhadora, o produto da luta da classe produtora contra a classe apropriadora, a forma política finalmente descoberta para realizar a emancipação económica do trabalho. Excepto nesta última condição, a Constituição Comunal teria sido uma impossibilidade e uma ilusão. O domínio político do produtor não pode coexistir com a perpetuação da sua escravatura social. A Comuna devia, portanto, servir de alavanca para desenraizar as fundações económicas sobre as quais repousa a existência das classes e, portanto, do governo de classe. Com o trabalho emancipado, todo o homem se torna trabalhador e o trabalho produtivo deixa de ser um atributo de classe.[3] " Nesta passagem, Marx descreve tanto (1) a ditadura do proletariado como (2) o facto de todos se tornarem trabalhadores, duas coisas que os comunistas rejeitam explicitamente.

Dauvé, tal como a teoria da comunização em geral, considera absurda a defesa da ditadura do proletariado[4] . *Eclipse e ressurgimento*: "A questão não é a tomada do poder pelos trabalhadores. É absurdo defender o domínio da classe operária tal como ela é actualmente: um parceiro no mecanismo de valorização, e um parceiro submetido.[5] " Em primeiro lugar, o objectivo do domínio da classe trabalhadora é o facto de a classe trabalhadora estar em vias de se libertar do estatuto de parceiro submetido no

[3] Marx, *A Guerra Civil em França*, em Draper, p. 76.

[4] Ver também *as notas finais*: "A comunização opõe-se tipicamente a uma noção tradicional de período de transição, que deveria sempre ter lugar após a revolução, quando o proletariado estaria em condições de realizar o comunismo, tendo já tomado conta da produção e/ou do Estado. Estabelecido com base na continuação da existência da classe operária, o período de transição coloca a verdadeira revolução num horizonte longínquo, perpetuando entretanto aquilo que é suposto ultrapassar. Para nós, esta não é uma questão estratégica, uma vez que estas questões foram resolvidas pelos desenvolvimentos históricos - o fim do movimento operário programático, o desaparecimento da identidade operária positiva, a ausência de qualquer tipo de poder operário no horizonte: já não é possível imaginar uma transição para o comunismo com base numa vitória prévia da classe operária enquanto classe operária. A manutenção de concepções conselhistas ou leninistas da revolução é agora utópica, medindo a realidade contra construções mentais que não têm qualquer actualidade histórica. A luta de classes ultrapassou o programatismo, e diferentes formas habitam agora o seu horizonte. Com a crescente superfluidade da classe operária na produção - a sua redução tendencial a uma mera população excedentária - e o consequente carácter ténue da forma salarial como ponto de encontro essencial dos dois circuitos de reprodução, só pode ser ilusório conceber a revolução em termos de poder dos trabalhadores. No entanto, é ainda a classe operária que deve abolir-se a si própria." Notas finais, "O que devemos fazer?" em *A comunização e os seus descontentamentos*, p. 26-27.

[5] *Eclipse and Re-emergence*, p. 57.

mecanismo de valorização. A classe trabalhadora está a reorganizar a produção numa base não-capitalista, mas este processo não será distribuído uniformemente nem será imediato. De facto, é absurdo rejeitar a ditadura do proletariado pelo facto de a classe operária ainda não estar libertada. Para contrariar o ponto de vista de Marx de que a classe trabalhadora deve organizar-se como classe dominante, usando meios coercivos e governamentais, para derrubar o poder adquirido da burguesia à escala mundial, não se pode simplesmente afirmar que os trabalhadores estão actualmente dependentes do capital. É preciso responder à questão: por que meios será derrubado o poder da burguesia? Em vez de apresentarem uma alternativa credível, os comunistas refugiam-se em belas frases sobre a forma como a revolução irá "estabelecer, não uma economia ou um Estado de transição, mas antes um mundo de indivíduos, definidos na sua singularidade, que se relacionam uns com os outros de múltiplas formas.[6] " Isto, dizem-nos nas *notas finais*, é uma "proposição" que a "teoria da comunização" apresenta relativamente às "condições mínimas para abolir o capitalismo."

II. Trabalho

Eclipse and Re-emergence critica Marx da seguinte forma "Livrar-se do capitalismo não é entendido como abolir a reunião capital/trabalho, mas como libertar o trabalho do capital, da sua prisão alienada.[7] " Mas Marx entendia de facto a abolição do capitalismo como a abolição da relação capital/trabalho, pelo menos tal como ele a entendia. Dauvé deve ter em mente outra coisa, mas o quê? Dauvé deixa claro que considera a afirmação de Marx de que o trabalho útil é uma "necessidade imposta pela natureza" de alguma forma censurável, mas não é muito claro porque é que isso acontece. O que Dauvé contesta aqui não é apenas a "primeira fase do comunismo" de Marx, mas também a sua "fase superior", na medida em que é conceptualizada como uma sociedade de trabalhadores. A expressão "libertar o trabalho do capital" é o tipo de coisa que pode significar algo bastante agradável (o trabalho torna-se mais agradável), mas também pode significar algo bastante desagradável (a libertação dos seres humanos passa para segundo plano em relação ao desenvolvimento do processo de trabalho). Dauvé não nos diz o que significa "libertar o trabalho do capital", nem onde é que Marx defendeu tal coisa. Ao criticar as ideias de Marx, Dauvé precisa de fazer mais do que juntar algumas frases evocativas. Tem de ser específico sobre aquilo a que se opõe e porquê.

---

[6] Notas de fim, "Espontaneidade, Mediação, Ruptura", em *Notas de fim* 3, p. 246.
[7] *Eclipse and Re-emergence*, p. 113.

Talvez ao dizer que Marx não entendia a abolição do capitalismo como a abolição da reunião capital/trabalho, Dauvé queira simplesmente dizer que Marx quer abolir o capital, mas não o trabalho. É claro que Marx não quer abolir o trabalho, pois sem trabalho não podemos obter as coisas de que precisamos para sobreviver. Dauvé é crítico do trabalho, entendido como algo mais específico do que aquilo a que Marx chamou trabalho e menos específico do que aquilo a que Marx chamou trabalho assalariado. Mais sobre isso abaixo.

Dauvé opõe-se à ideia de que o trabalho seria "positivo e necessário" numa sociedade comunista, afirmando que Marx "transforma o trabalho num facto natural e eterno.[8] " Ele chega a citar parte da seguinte passagem de *O Capital*: "Os homens fizeram roupas durante milhares de anos, sob a compulsão da necessidade de roupas, sem que um único homem jamais se tornasse alfaiate. Mas a existência de casacos, de linho, de todos os elementos de riqueza material não fornecidos antecipadamente pela natureza, teve sempre de ser mediada por uma actividade produtiva específica adequada ao seu objectivo, uma actividade produtiva que assimilava materiais naturais específicos a necessidades humanas específicas. O trabalho, portanto, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é uma condição da existência humana independente de todas as formas de sociedade; é uma necessidade natural eterna que medeia o metabolismo entre o homem e a natureza e, portanto, a própria vida humana.[9] " Dado que isto é o que Marx tinha a dizer sobre o trabalho, é claro porque é que Marx acreditava que o trabalho seria necessário numa sociedade comunista: presumivelmente, continuaríamos a usar roupas, por exemplo, e teríamos de as fazer. O que não é claro é por que razão Dauvé considera este ponto de vista condenável. Se não é este o ponto de vista a que se opõe, não deveria fingir que está a opor-se ao ponto de vista de Marx sobre o trabalho útil.

Há razões para crer que Dauvé, ao opor-se ao que Marx diz sobre o trabalho, acima citado, está a tentar, de uma forma confusa, articular a sua objecção a coisas que ele (e não Marx em *O Capital*) identifica com o termo "trabalho" - coisas que Marx acreditava serem necessárias numa sociedade comunista. Por exemplo, Dauvé escreve o seguinte sobre a concepção de comunismo de Marx: "...o comunismo, tal como Marx o vê, é um mundo sem dinheiro baseado no trabalho comunitário: o problema é que o trabalho é muito mais do que pessoas que se juntam numa oficina para fabricar objectos. O

[8] Ibid., p. 113.
[9] Karl Marx, *O Capital: Volume 1*, p. 133.

trabalho inclui a *contagem do tempo e a poupança de tempo* [sublinhado meu], o que, por sua vez, implica a quantificação do tempo médio de trabalho necessário para produzir este ou aquele objecto: por outras palavras, aquilo a que Marx chama, com razão, *valor*. Marx trata o valor de uso como um resultado natural da actividade humana, e gostaria de ter valores de uso sem valor de troca. Mas o valor de uso é uma categoria analítica ao mesmo tempo oposta *e englobada pelo* valor de troca: é impossível eliminar uma sem eliminar a outra.[10] " Há muito para abordar nesta passagem. Abordarei de seguida os comentários sobre o valor de uso. Se Dauvé quer definir o trabalho de forma a que este implique a contagem e a poupança de tempo, é uma prerrogativa sua. No entanto, o facto de o fazer não tem qualquer influência sobre a coerência ou a sabedoria das ideias de Marx. Marx acreditava, de facto, que uma sociedade comunista exigiria a contagem e a poupança de tempo, independentemente de as pessoas serem remuneradas de acordo com o seu tempo de trabalho. Mas isto porque considerava que era importante para planear racionalmente a produção, e não porque definisse "trabalho" desta ou daquela forma.

III. Valor de uso e valor

Há também razões para crer que uma sociedade comunista preocupada com a utilização racional do tempo iria querer "quantificar o tempo médio de trabalho" em vez de se limitar a utilizar uma amostra do tempo que foi necessário para fazer algo num determinado momento. Mas a afirmação de que o tempo médio de trabalho é aquilo a que Marx chamou valor é enganadora, sobretudo porque para Marx é condição necessária para que um determinado quantum de tempo de trabalho seja uma grandeza de *valor* que o artigo em questão seja produzido como uma mercadoria. No *Capital* de Marx, o valor designa uma forma de riqueza historicamente específica. Dauvé quer fazer uso da conotação negativa do termo *valor* para os anticapitalistas, mas esquece-se de que as leis do movimento do capitalismo, descritas pela teoria do valor de Marx em *O Capital*, não podem ser atribuídas à contagem do tempo e à poupança de tempo enquanto tais. Nos comentários acima sobre "trabalho" e "valor", Dauvé não disse nada de prático sobre a razão pela qual as práticas sociais que ele rejeita devem ser rejeitadas por outros comunistas. É suposto o leitor ficar simplesmente com um mau gosto na boca quando ele usa estes termos?

As ideias de Dauvé sobre o valor de uso são particularmente confusas, e não menos confusas pelo facto de serem bastante difundidas. Para Marx, um valor de uso é, antes

[10] *Eclipse and Re-emergence*, p. 111-112.

de mais, uma coisa útil. Como Marx deseja que, numa sociedade comunista, a humanidade produza objectos úteis e não mercadorias, ele deseja que haja valores de uso e não valores de troca. Há uma diferença entre um termo e a classe de coisas a que ele se refere. Se o termo "valor de uso" não existia até ao desenvolvimento do capitalismo, isso não significa que os "valores de uso" só sejam produzidos numa sociedade capitalista. Para além disso, tal como Marx utilizou o termo "valor de uso", este não está claramente *englobado no* valor de troca. Basta olhar para a evidência textual, que é esmagadora. Na primeira página da *Contribuição de* Marx *para a Crítica da Economia Política*, ele deixa claro que um valor de uso é uma coisa útil, não o uso que as pessoas podem fazer de uma coisa útil: "Um mesmo valor de uso pode ser usado de várias maneiras.[11] " Na segunda página de *O Capital*, Marx designa explicitamente uma "coisa útil" por valor de uso e escreve que os valores de uso "constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a sua forma social.[12] " Na primeira edição alemã de *O Capital*, Marx utilizou o termo *mercadoria-corpo* para descrever o valor de uso: "Por abreviatura, chamemos à coisa útil em si (ou *corpo-mercadoria*, como o ferro, o trigo, o diamante, etc.) *valor-de-uso*, bem, artigo.[13] " Contra Dauvé, é bastante claro que o que Marx gostaria de ter sem valores de troca (o que ele chamou de valores de uso) são coisas que a sociedade poderia ter sem valores de troca. Dauvé não deu nenhuma razão para pensarmos que o que ele chama de "valor de uso" implica o que ele chama de "valor de troca". Para explicar de que forma Marx erra e dar substância à sua objecção, Dauvé teria de dizer algo sobre as mercadorias e as relações sociais descritas pelos termos que utiliza, em vez de se limitar a afirmar uma relação entre "categorias analíticas".

O uso que Marx faz de "valor de uso" diverge claramente da definição clássica de "valor de uso" como a "utilidade de um objecto particular".[14] " Embora recorra a termos herdados de economistas políticos anteriores, não podemos ler Marx como decompondo um conceito mais geral de "valor" em dois tipos - "valor de uso" e "valor de troca" - à maneira de Smith. Ambos os termos contêm, de facto, a palavra "valor", mas as razões para isso são históricas ou etimológicas e não internas à teoria de Marx. Marx descreve o "valor de troca" como a "forma de aparência" do "valor", e por "valor" ele claramente

---

[11] Marx, *Contribuição para a crítica da economia política*, p. 27.
[12] Karl Marx, *O Capital: Volume 1*, p. 126.
[13] Karl Marx, "The Commodity", em *Value: Estudos de* Marx, p. 7.
[14] Adam Smith, *A Riqueza das Nações: Livros* I-III, p. 131.

não quer dizer algo de que o "valor de uso" seja um tipo[15] . Marx recorre por vezes ao uso clássico, referindo-se à utilidade de um objecto como o seu "valor de uso". Mas não é assim que introduz o termo em *O Capital*, nem é assim que descreve o seu uso nas *Notas sobre Wagner*, por exemplo[16] . No entanto, suponhamos que o "valor de uso" é meramente a utilidade de um objecto. *Continua* a ser absurdo afirmar que os objectos não teriam utilidade numa sociedade comunista. Há quem pense que as coisas só têm uma espécie de utilidade *abstracta* que lhes é imposta numa sociedade capitalista. É o que Baudrillard faz no seu *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Escreve: "Considerados como valores úteis, todos os bens são já comparáveis entre si, porque são atribuídos ao mesmo denominador comum racional-funcional, à mesma determinação abstracta. Só os objectos ou as categorias de bens catapultados no acto singular e pessoal da troca simbólica (a dádiva, o presente) são estritamente incomparáveis. A relação pessoal (troca não económica) torna-os absolutamente únicos.[17] " Baudrillard parece dizer que as coisas só se tornam "valores-de-uso" quando são comparadas de uma certa maneira. Mas ele ignora o que Marx está a fazer com o termo "valor-de-uso", preferindo inventar a sua própria teoria e fingir que isso revela imediatamente alguma falha em Marx. É interessante, no entanto, como só a dádiva pessoal se qualifica para ele como um modo de troca não económico e não produtor de valor de uso. A crítica de Baudrillard à estandardização tem eco em pessoas como Bruno Astarian, como veremos em breve.

Baudrillard retira algumas conclusões das suas observações: "Se o sistema do valor de uso é produzido pelo sistema do valor de troca como a sua própria ideologia - se o valor de uso não tem autonomia, se é apenas o *satélite* e o *álibi* do valor de troca, embora se combine sistematicamente com ele no quadro da economia política - então já não é

---

[15] Karl Marx, *O Capital: Volume* 1, p. 127. Ver também a nota 16 sobre a relação entre estes termos.

[16] Em primeiro lugar, não parto de "conceitos", portanto não parto do "conceito de valor" e não tenho de os "dividir" de forma alguma. O que parto é da forma social mais simples em que o produto do trabalho se apresenta na sociedade contemporânea, que é a "*mercadoria*". Analiso-a, e desde o início, na *forma em que se apresenta*. Verifico que ela é, por um lado, na sua forma natural, uma *coisa útil*, ou seja, um *valor de uso*; por outro lado, é *portadora de valor de troca* e, deste ponto de vista, é ela própria "valor de troca". Uma análise mais aprofundada desta última mostra-me que o valor de troca é apenas uma "*forma* de aparência", o modo autónomo de apresentação do *valor* contido na mercadoria, e passo então à análise desta última. "Quando, no início do capítulo [de *O Capital*], se dizia à maneira habitual: a mercadoria é valor-de-uso e valor-de-troca, isso era, em rigor, falso. A mercadoria é valor de uso ou objecto útil, e "valor". Apresenta-se como o dobro do que é, a partir do momento em que *o seu valor* possui uma *forma de aparência* própria, a do valor de *troca*, *diferente* da sua forma natural", etc. Por isso, não divido o valor em valor-de-uso e valor-de-troca como antíteses em que se divide a abstracção 'valor', mas [divido] a *forma social concreta* do produto do trabalho; a '*mercadoria*' é, por um lado, valor-de-uso e, por outro, 'valor', não valor-de-troca, uma vez que a mera forma de aparência não é o seu *conteúdo* próprio." Karl Marx, "'Notes' on Adolph Wagner", em *Later Political Writings*, p. 241-242.

[17] Baudrillard, *Para uma crítica da economia política do signo*, p. 131-132.

possível colocar o valor de uso como uma alternativa ao valor de troca. Por conseguinte, também não é possível colocar a "restituição" do valor de uso, no fim da economia política, sob o signo da "libertação das necessidades" e da "administração das coisas" como perspectiva revolucionária.[18] " A semelhança verbal com as reivindicações dos comunitaristas é impressionante. Estas passagens não abordam de todo os valores de uso efectivos, mas apenas o termo "valor de uso". O termo, uma vez redefinido de forma adequadamente pós-marxista, passa a estar associado a todo o tipo de coisas supostamente más: equivalência, estandardização, abstracção. Para além de Dauvé, outros no meio da comunização fizeram críticas radicais semelhantes ao "valor de uso". Em "Crisis Activity and Communisation", Bruno Astarian, um escritor do meio comunitarista cuja obra Dauvé recomenda, defende a abolição do "valor em ambas as suas formas[19] ". *Endnotes*, em "A Lógica do Género", afirma que "a trans-historicização do sexo é homóloga a uma crítica abreviada do capital, que defende que o valor de uso é trans-histórico e não historicamente específico do capitalismo". Da mesma forma que Dauvé critica o suposto desejo de Marx de libertar o trabalho, *Endnotes* acusa os seus opositores de procurarem libertar "o valor-de-uso do tegumento do valor-de-troca".[20] "

A crítica dos comunistas ao valor de uso pode ser uma tentativa errónea de dar à sua crítica da tecnologia capitalista uma forma teórica de alto nível. Dauvé, por exemplo, ao criticar o sonho da produção totalmente automatizada, escreve que "a espécie humana cria e transforma colectivamente os meios da sua existência. Se os recebêssemos das máquinas, estaríamos reduzidos ao estatuto de uma criança a quem são dados brinquedos sem saber de onde vêm: a sua origem manufacturada nem sequer existe para ela.[21] " Isto parece estabelecer uma norma muito limitativa: que devemos estar conscientes da origem manufacturada de todos os bens que utilizamos. Bruno Astarian associa directamente uma crítica do valor de uso a uma crítica da produção em massa e da estandardização: "A produção sem produtividade é uma actividade particular de indivíduos particulares para satisfazer necessidades expressas pessoalmente. O uso dos objectos produzidos tem a marca desta particularidade. É anti-padronização. O carácter necessariamente local da comunização, pelo menos no seu início, contribui para isso.[22] "

---

[18] Ibid., p. 139.

[19] Bruno Astarian, "Crisis Activity and Communisation". Ver a minha referência anterior às *Notas* de Marx *sobre Wagner* para a negação de Marx de que o valor de uso e o valor de troca são duas formas de "valor".

[20] Notas de fim, "The Logic of Gender", *Notas de fim* 3, p. 80.

[21] *Eclipse and Re-emergence*, p. 53-54.

[22] Bruno Astarian, "Actividade de crise e comunização".

Na mesma linha, Dauvé afirma: "Um mundo em que toda a electricidade nos chega de centrais gigantescas (a carvão, fuelóleo ou nuclear) estará sempre fora do nosso alcance.[23] "

Para estes autores, a infra-estrutura capitalista parece estar intrinsecamente ligada ao valor. Mas isto coloca graves problemas ao suposto imediatismo da comunização. "O processo de viver sem valor, sem trabalho, sem trabalho assalariado, começará nos primeiros dias de insurreição e depois alargar-se-á em profundidade e alcance", segundo Dauvé[24] . Nesses primeiros tempos, as pessoas terão sem dúvida de utilizar as infra-estruturas capitalistas, mas se essas infra-estruturas não puderem ser utilizadas para fins não capitalistas, as pessoas não podem começar imediatamente a viver sem "valor, trabalho e trabalho assalariado". Além disso, embora Dauvé escreva que a comunização "só pode ter lugar à escala mundial", é difícil ver como é que a produção poderia alguma vez ser coordenada à escala mundial sem o tipo de "contagem e poupança de tempo" que ele considera tão condenável[25] .

Já anteriormente critiquei Dauvé por aplicar incorrectamente a teoria do valor de Marx, utilizando-a para descrever as relações sociais de uma sociedade comunista que utiliza a contabilidade do tempo de trabalho. Agora, Dauvé escreve: "As edições anteriores tinham secções sobre o trabalho e o valor inspiradas nos pontos de vista de Marx, que agora estamos convencidos de que precisam de ser reavaliados.[26] " Mas a reavaliação deve chegar a uma admissão específica: Não se pode dizer que a "lei do valor" de Marx funcione naquilo a que Marx chamou uma sociedade comunista. Só porque os comunitaristas não gostam da contabilidade do tempo de trabalho, não podem transformar a teoria do valor de Marx numa crítica da contabilidade do tempo de trabalho. Dito de forma simples, a teoria do valor de Marx descreve relações sociais específicas que não existem na visão de Marx do comunismo.

O uso anterior que Dauvé fez dos *Grundrisse* e do agora em voga "fragmento sobre as máquinas" em edições anteriores de *Eclipse e Re-emergence*, em particular, precisa de ser reavaliado, mas Dauvé ainda não fez uma reavaliação completa. Dauvé, ao caracterizar a posição de Marx nos *Grundrisse*, escreve que "quando se torna impossível identificar a contribuição pessoal de um trabalhador individual para a criação de

---

[23] *Eclipse and Re-emergence*, p. 58.
[24] Ibid., p. 55.
[25] Ibid., p. 57.
[26] Ibid., p. 100.

riqueza" a lei do valor torna-se um "absurdo".[27] " Apesar de Marx nunca ter dito nada sobre o rastreio das contribuições pessoais para a criação de riqueza, Dauvé parece pensar que o funcionamento da lei do valor de alguma forma o exige. Dauvé caracteriza sistematicamente a dinâmica da produção de valor como uma espécie de medição consciente do tempo de trabalho ou da produtividade, em vez de uma regulação inconsciente dos preços das mercadorias pelo tempo de trabalho necessário para as produzir. Uma leitura tão errada de Marx é apelativa para aqueles que querem uma justificação marxiana sofisticada para a sua antipatia pelas fases de transição ou pela contabilização do tempo de trabalho, e por isso tem sido elogiada por grupos como o *Endnotes* por supostamente revelar a inadequação do comunismo de conselho[28] .

É sobretudo devido ao facto de a contabilização do tempo de trabalho não implicar a lei do valor para Marx que Dauvé considera a análise do valor de Marx "contestável" e inadequada[29] . Mas Dauvé esquece que a análise do valor de Marx não é um catálogo de coisas que ele não apoia no capitalismo, de modo que poderíamos dizer que ele deixou de fora a contabilidade do tempo de trabalho. Pelo contrário, Marx está explicitamente preocupado em *O Capital* em revelar a "lei económica do movimento da sociedade moderna.[30] " Não parece que Dauvé esteja interessado, como Marx, na economia política como "ciência positiva", e os termos básicos que Marx emprega neste projecto, como *valor de uso* e *valor*, não têm o mesmo significado para Dauvé[31] . Dá a impressão de que se limita a utilizar as categorias de Marx para criticar as suas conclusões políticas ou económicas. Em vez disso, está a redefinir as categorias de Marx de forma a englobarem tudo aquilo a que Dauvé se opõe. Ao fazê-lo, não está a demonstrar que há algo de inadequado na análise do valor de Marx.

IV. O comunismo

Na nova edição de *Eclipse e Ressurgimento*, Dauvé diz mais sobre a sua alternativa preferida à concepção de comunismo de Marx, e é sobre isso que nos vamos debruçar. Dauvé usa o exemplo do cultivo de batatas e escreve: "A necessidade natural de cultivar alimentos, por exemplo batatas, será satisfeita através do nascimento de laços sociais que resultarão também em hortas. A questão não é como cultivar batatas porque temos

---

[27] Ibid., p. 123-124.
[28] "Communisation and Value-Form Theory", *Endnotes* 2, pp. 78-9.
[29] *Eclipse and Re-emergence*, p. 136.
[30] Karl Marx, *O Capital: Volume 1*, p. 92.
[31] Marx a Engels, 10 de Outubro de 1868: "Para transformar a economia política numa ciência positiva, os dogmas conflituosos devem ser substituídos por factos conflituosos e pelo antagonismo real que constitui o fundo invisível desses dogmas." Maximilien Rubel, "A History of Marx's 'Economics'", em *Rubel on Marx*, p. 174.

de comer. Trata-se antes de imaginar e inventar uma forma de nos encontrarmos, de nos reunirmos e de estarmos juntos, que inclua a horticultura e seja produtiva de batatas. Talvez o cultivo de batatas exija mais tempo do que no capitalismo, mas essa possibilidade não será avaliada em termos de custo do tempo de trabalho e de poupança[32] ." Presumivelmente, este é um esboço do que significa produzir coisas sem *trabalhar*. Para Dauvé, é importante que não nos preocupemos especialmente com a eficiência do nosso cultivo de batatas. Mas será que a ignorância do tempo de trabalho é realmente uma bênção? Se pudermos tornar a produção de batata mais eficiente em termos de custos de tempo de trabalho, não será esse um objectivo que vale a pena? Não basta dizer que se trata de um objectivo capitalista. É certo que o capitalismo incentiva grandes avanços na produtividade, mas os capitalistas só se preocupam em baixar os custos do tempo de trabalho se isso coincidir com custos monetários mais baixos e mais lucros. É esta a dinâmica específica do capitalismo que Dauvé apaga ao centrar-se na medição do trabalho num sentido mais geral.

Para Marx, a ignorância do tempo de trabalho não é uma felicidade, e a eficiência em termos de valores de uso é um objectivo que vale a pena. Escreve: "*O tempo de trabalho*, mesmo que o valor de troca seja eliminado, permanece sempre a substância criativa da riqueza e a medida do custo da sua produção. Mas o tempo livre, o *tempo disponível*, é a própria riqueza, em parte pelo gozo do produto, em parte pela actividade livre que - ao contrário do trabalho - não é dominada pela pressão de um objectivo estranho que deve ser cumprido, e cujo cumprimento é considerado uma necessidade natural ou um dever social, de acordo com a inclinação de cada um.[33] " Numa sociedade comunista, a riqueza já não se baseia na pobreza, o tempo livre de alguns já não se baseia no tempo de trabalho excedente de muitos. Esta mudança é acompanhada por uma mudança nas prioridades sociais, em que a riqueza já não é identificada com a acumulação abstracta de valores, mas sim com os poderes científicos e produtivos da humanidade e com o tempo livre tornado possível através desses poderes. As horas de trabalho podem ser reduzidas numa sociedade comunista, uma vez que a classe trabalhadora no seu conjunto deixará de realizar *trabalho excedentário não remunerado*. É verdade que Marx considera que o trabalho continua a ser necessário numa sociedade comunista. Além disso, Marx entende o trabalho como uma actividade orientada para um objectivo, em que a questão pode muito bem ser "como cultivar batatas porque

[32] *Eclipse and Re-emergence*, p. 52.
[33] Marx, *Teorias da mais-valia*, Livro III, p. 257.

temos de comer". Marx não pensava que a sociedade se dividiria numa colecção de indivíduos únicos que dão presentes.

Bruno Astarian é ainda mais pormenorizado quando fala da produção numa sociedade comunista. Defende uma coisa chamada "produção sem produtividade", que descreve como "uma forma de socialização das pessoas que implica a produção, mas sem medir o tempo ou qualquer outra coisa (entradas, número de pessoas, produção)". Um exemplo interessante que ele dá é o da construção de casas: "Na revolução comunista, o acto produtivo nunca será *apenas* produtivo. Um sinal disso, entre outros, será o facto de que o produto considerado será particular: corresponderá a necessidades expressas *pessoalmente* (pelos produtores directos na altura ou por outros) e que a satisfação da necessidade não será separada do próprio acto produtivo. Pensemos, por exemplo, na forma como a construção de habitações irá mudar assim que a estandardização desaparecer. A produção sem produtividade significará que qualquer pessoa envolvida no projecto estará em condições de dar a sua opinião sobre o produto e os métodos. As coisas vão andar muito mais devagar do que na indústria de construção industrializada actual. Os participantes no projecto podem até querer viver no local depois de a construção estar concluída. Será uma confusão total? Digamos que o tempo não conta e que os casos em que o projecto não é concluído, em que tudo é abandonado a meio - talvez porque a produção dos factores de produção também não é produtiva - não serão um problema. Mais uma vez, isto porque a actividade terá encontrado a sua justificação em si mesma, independentemente do seu resultado produtivo.[34] " Nesta visão, o planeamento racional é atirado pela janela. As pessoas que constroem casas para pessoas não especificadas podem simplesmente decidir que gostariam de viver nelas! No entanto, se houver mais pessoas a gostar de viver em casas do que a construí-las, parece ser necessária alguma forma de planeamento.

Para a *Teoria Comunista*, a sociedade comunista não produzirá "produtos" porque os objectos não serão reunidos em qualquer tipo de depósito central para distribuição: No comunismo, a apropriação deixa de ter qualquer valor, porque é a própria noção de "produto" que é abolida. É claro que há objectos que são utilizados para produzir, outros que são directamente consumidos e outros ainda que são utilizados para ambas as coisas. Mas falar de "produtos" e colocar a questão da sua circulação, da sua distribuição ou da sua "transferência", ou seja, conceber um momento de apropriação, é pressupor pontos de ruptura, de "coagulação" da actividade humana: o mercado nas

[34] Bruno Astarian, "Actividade de crise e comunização".

sociedades de mercado, o depósito onde os bens estão livremente disponíveis em certas visões do comunismo. O "produto" não é uma coisa simples. Falar de "produto" é supor que um resultado da actividade humana aparece como finito em relação a outro resultado ou à esfera de outros resultados. Não é do "produto" que devemos partir, mas da actividade.[35] " Isto pode parecer um exemplo extremo (e é), mas *a Teoria Comunista* não é de modo algum marginal à teoria da comunização.

Em vez de utilizarem a centralização da produção e as capacidades de planeamento desenvolvidas sob o capitalismo, muitos comunitaristas parecem imaginar uma ruptura insurreccional com a sociedade de massas. Para Marx, é precisamente porque a classe trabalhadora produz todos os bens da nossa sociedade, mas está, através da propriedade privada, excluída dessa riqueza, que ela pode produzir no seu próprio interesse e dominar o aparelho produtivo em vez de ser dominada por ele. Só assumindo o controlo deste aparelho produtivo, herdado do capitalismo, é que os trabalhadores o poderão transformar. Não o podem contornar inteiramente. A revolução comunista, se chegar a acontecer, será feita por pessoas com necessidades desenvolvidas na sociedade capitalista. É certo que o comunismo criará novas necessidades e deslocará as antigas, mas só uma minoria estará disposta a lutar por uma sociedade desprovida de actividade produtiva organizada e orientada para um objectivo. E não creio que devamos dizer que as pessoas, por força das circunstâncias, criarão naturalmente o comunismo. Tal como acontece com o cultivo da batata, a revolução exigirá mais do que um pouco de organização e planeamento social.

---

[35] Teoria Comunista, "A comunização no tempo presente", em *A comunização e os seus descontentamentos*, p. 54-55.